

ANO I

SÃO PAULO — NOVEMBRO DE 1944

NUM. 1

NOVEMBRO DE 1954

10.^o aniversário de "O Politécnico"

Aos estudos futuros esta sua natureza, meditando sobre as possibilidades de transmissão novos, e invenções, adaptando-se à rotina do trabalho, reverenciando que limitam o conhecimento científico, e descobertas, e o desenvolvimento das ciências.

Os analistas da história nos têm mostrado que as ideias recalcitrantes, que elas não só elevam os indivíduos que as emitem, como também o povo que as recebe, projetando no tempo e no espaço novos conhecimentos.

[illegible]

"O POLITRÔNICO" como veículo de pensamento moco do jovem universitário, saiu para as plagas distantes nove raios de luz intergalácticos, assim, o descompulsivamente de meros autônomos, formando cérebros que dançam com suas próprias lógicas. Criou um jovem dançado respaldado por suas opiniões próprias. Ele, "O POLITRÔNICO" nasceu lutando.

trajetória segura para
os engenheiros con
malmilharem.

os futuros polí-
flanes grandes em-
grandes mais aten-
tando para o pro-
declínio que fora
os homens que for-
tes distinções
tando com mui-
nossa Brasil
cober, num
reprimida
da e co-
sinto a
da ju-
que

importante e digno de
permanecido fiel ao
e condição, mant
da Escola, quem
nte do C

...o fundador tinha, pois, um
que era manter vivo
...ária, o valor
...lado, aos
...tas,

vida universalista. Ao seu
leiras outros de Oliveira
Neilson Betti de Oliveira
Salfert, Ernesto V. passa
Cada dia que ele, sendo

mentar, da Escola. Hoje (novembro) de "O POLITECNICO" seu representante

TECN...
o inter...
prerrogativas
de todos
os poli-
técnicos
im si...

As
ate-
os sem
rica dõs-
len-
posi-

e que, depois de
o serviço do
as suas doutrinas
compridos
nos fizeram com
e análise in-
cipiente total de alma,
os dedicados e aspirantes
à nossa empreza.
rão, à nossa linha
e o Progresso da Te-
no eu saber.

O POLITICO
Grecia e Deus. A
para a posteridade.
No entanto, as difi-
cultaes não são mis-
trinitarias. As difi-
teria poder sobre a mis-
é o IDEAL, única e
justifica esta existên-
vida e energia. O
atingir o seu lo-
luta, o trabalho
sempre de serem
procurar um FUTU-
bem po-
so sa-

obra a construir,
cenário da
politécnico
do fi-

Alcides S. Matias, Gunther

...o grupo
...constituído de
...quando folheamos
...com u'a r
...dirig
...obstá
...pin

...ma coluna
...ante; vem traindo
...por vezes atingindo
...representante, este período
...orientador, pois, desde os
...s idéias e profundam
...lhar proceder

Com o seu
na linha de
Paula Souza,

vi-
tado
conecta
ra bendita

marça gar-
nua
a sua marcha
as discoradas
do este orgão, pois
carinamente, que
do orgão conseguiu
universário, pois a
as dificuldades,
foram,
e as estimulas para
a marcha ramo a
melhor, e fan-
que nunca decan-
os louros, jamais
toxicos como as vi-
das que mermem
nupcial.

Sempre que alcan-
çou um objetivo ou-
tro mais alto es-
ta e assim
dos

Ele conta
na trajetória
tempos, portanto
defendendo
os interesses
cidade como
pladeiro ami
sio

...marcha por um
...ida por um
...culos, obtendo
...caros da glória.
...o, foi e está sen-
...primórdios, foi
...icas, for, foi

... pollicé...
... perscrutad...
... velhos mestres:
... de Albuquerque
... Alexandre de Albuquerque
... Luiz Adolfo Wan-
... rley e outros,

"O POLITÉCNICO" EXPEDIENTE

Diretor: Adolfo Lemes Giloli
Secretário: Elbio Camillo

Redator-Chefe:
Hélio Taques Bittencourt
Redator-Gerente: Alcides Simões Mathias
Tesoureiro: Ibe de Araujo.

Redatores:
Aida de Medeiros Pullin
Gunther Sarfert
Loris Martinelli
José T. Senise
Rubens Lima Pereira
Sérgio Thenn de Barros
Waldimir Moura Santos
Walter Stédile

Redação:
Travessa Salvador Leme, 33
Telefone: 5-7780

COLABORAÇÕES

Qualquer trabalho poderá ser publicado estando ele dentro das molduras do jornal.

As colaborações estão sujeitas às seguintes condições:

a) a direção não se responsabiliza pelos conceitos, ideias e referências nos artigos assinados pelos alunos e aprovados pela direção;
b) todas as colaborações devem ser entregues com duplo espaço virado do papel em branco, facilitando-se assim a redação e a tipografia.

c) ainda que não publicados, não devolveremos originais, e estes estarão sujeitos à revisão tipográfica do jornal.

d) se aceitarmos artigos com pseudônimos quando trouxermos a verdadeira identidade do autor.

TESOURARIA

Trimestralmente será exibido no placard do jornal o movimento financeiro, e artigo correspondente do jornal.

O POLITÉCNICO sairá mensalmente durante o período letivo.

SOLICITA-SE PERMUTA
SE SOLICITA EL CANJE
ON SOLICITE L'ECCHANGE
EXCHANGE IS SOLICITED

AMIGO!

Mestres, colegas e simpatizantes, venham colaborar conosco. Um estímulo, uma opinião, um aparte, tudo enfim que seja edificante, receberemos prazentemente e lhes seremos infinitamente gratos.

Porque a Escola não possue um conjunto?

Um conjunto para a Escola, por que não? Em outras faculdades de S. Paulo alunos fans da música moderna têm se reunido e formado pequenos grupos com o fito de desenvolver esse gênero de diversão.

Todos nós conhecemos o "show" mackenzie, o qual tem já se apresentado muitas vezes em reuniões e festivais dessa Escola. Não somos nós os politécnicos os mais "casados" para a música. Mais que isso, possuímos aqui na Escola elementos conhecedores e apreciadores de música, os quais, uma vez reunidos, poderiam formar uma espécie de "Clube de Música", o qual organizaria uma pequena orquestra que, embora não fosse meter as mãos às obras de Bach, Beethoven, Lütz etc., poderia muito bem atrair alguns animados "swings" e "blues" nos bailes de Engenharia etc.

Mais fácil ainda seria que se reunissem os fans da "gaita de bôca", a qual no momento ainda não em voga. Conhecemos muito bem o sucesso alcançado pela orquestra de gaitas de Borrah Minevitch, o quieto de Autmond e outros. Uma surpresa para muitos daqui da Escola: possuímos aqui na Escola numerosos colegas que não amam esse instrumento. Por que não organizamos nós um conjunto de gaitas? Por que não nos reunimos e não exploramos essa facilidade? Não seria por acaso interessante que a Escola Politécnica possuísse um conjunto desse tipo?

Antes de qualquer outra vantagem seria uma originalidade e também uma oportunidade para que os "gaitistas", reunindo-se, aperfeiçoassem sua técnica e viessem a alcançar melhores resultados. Levantamos a lebre... os "gaitistas" que a casem... Bom vontade e técnica não há de faltar. Tomada a ideia com entusiasmo, logo seria possível uma 1.ª apresentação do conjunto verdadeiramente "abafativa". Não darmos, aproveitemos ao máximo as possibilidades artísticas dos politécnicos!

A. POSTOS PORTANTO!!!

E mais tarde então... um "jazz"!!!

JOSÉ VISONÉ
GAVIÃO MONTEIRO

Em torno de uma visita

A Indústria e os Problemas Sociais do Operário

A INDÚSTRIA — Iniciarei descrevendo a parte industrial da fábrica para, em seguida, fazer alguns comentários em torno de vários problemas interessantes que constatamos.

Em primeiro lugar, nos mostraram os depósitos do algodão da fábrica, onde encontramos os vários tipos utilizados: o Paulista, de fibra curta e sedosa; o Corido do Nordeste, de fibra pouco longa; o Peruano, ótimo algodão, de exploração recente e que se aproxima do Egípcio (o melhor algodão conhecido).

O algodão retirado dos fardos é levado para várias máquinas de beneficiamento, daí saindo na forma de uma pasta muito fina e já livre de suas impurezas.

Esta pasta é levada para a Fiação onde, numa primeira operação, é reduzida a mechas grossas; estas mechas, por contorções sucessivas, são reduzidas a fios, na grossura desejada, sendo a seguir engomados por uma mistura de sabão e amido que, lhes aumenta a resistência de quase 100 %.

O fio assim preparado passa para a Tecelagem onde, cerca de dois mil teares os reduzem aos mais variados tipos de tecidos de algodão e "rayon". É interessante notar que, nos tecidos listados os fios de cor são previamente tingidos.

O tecido já pronto passa para a Estamparia. Af sofre, inicialmente, um banho de cloro para branqueamento; passa depois pelo carimbador e em seguida para as máquinas de estampa. Têm estas, como peça principal, um cilindro de cobre desenhado em alto relevo, no lado de outro cilindro que funciona como rolo compressor. É interessante notar que, só uma determinada tinta pega no tecido, conforme a altura do alto relevo, o que permite as estampas de várias cores. Para os tecidos de uma só cor, têm-se dois cilindros lisos.

A seguir o tecido é engomado, sendo numa última máquina, dobrado e cortado em peças. Notamos assim que, o algodão entra por um lado da fábrica indo sair do outro lado em peças já prontas para o consumo, havendo perseguição dos vários serviços.

Comparando as máquinas inglesas e americanas, salientamos o técnico que nos acompanhava, a grande eficiência das primeiras, citando o fato de estarem elas trabalhando com três turnos diários, desde 1924, e sem qualquer interrupção do trabalho, o que representa algo de notável em resistência. Outra novidade que nos foi dado observar, foi uma máquina alemã da seção de estamparia a qual, faz o serviço de várias grandes máquinas reduzindo o tempo de trabalho para um terço. Esta notável peça levou três anos para chegar ao Brasil devido às dificuldades da guerra, tendo custado a bagatela de 6.000.000 de cruzeiros...

PROBLEMAS SOCIAIS DO OPERÁRIO — A exploração do técnico com respeito a esta questão, foi sem dúvida um dos pontos mais interessantes da visita.

Por exemplo, os operários da seção de estamparia encarregados de preparar as tintas, passam oito horas diariamente num ambiente carregado de gases tóxicos lidando com ácidos e outros ingredientes. Na expressão do técnico era esta uma verdadeira "câmara lenta de morte", para os que nela trabalhavam.

Este mal é em parte sanado ministrando-se diariamente, cerca de 5 litros de leite, que é um poderoso anti-tóxico, por indivíduo. Este desgaste periódico de dezenas de brasileiros, é pois um caso de lamentar-se, porquanto existem nos centros industriais da Europa e E. U., embora dispendiosas, instalações técnicas para purificação das atmosferas tóxicas.

Na fiação há o problema do pó de algodão, que ficando em suspensão no ar pode provocar sérias perturbações das vias respiratórias, chegando até, em certos casos, a causar a tuberculose. Também nesta seção, para minorar este mal, fornece-se, um litro de leite para cada operário, diariamente. Últimamente, foram introduzidos tubos, que percorrem a parte superior do compartimento, lançando no ar vapores na base de insecticida; estes além de purificarem o ar, ajudam a sedimentar o pó.

A tecelagem apresenta também, deficiências. Por exemplo o barulho dos teares que é atordoador, deixa as operárias dessa seção, após uns quinze anos de serviço, completamente automáticas e portanto inúteis para qualquer outro serviço. Seria pois, de inegável benefício, qualquer aperfeiçoamento que viesse amortecer o barulho destas máquinas. Existem no lado desta sala, alguns teares quasi silenciosos; suas operárias são chamadas pelas outra de "granfinas" e para evitar-se maiores ressentimentos, são estas revezadas de tempos a tempos.

Um dos casos que mais nos penalizaram, foi o das urdeiras. Devem elas fazer passar, um a um, os fios pelo urdume, que é uma rede de orifícios extremamente pequenos, exigindo uma forte concentração da vista. Para esta seção são escaladas moças de 16 a 18 anos, pois as maiores desta idade, são passíveis de ataques nervosos pela natureza do serviço. Estas pobres moças, inconscientemente talvez, têm os seus órgãos visuais fatalmente afetados pelo seu trabalho cotidiano, ficando ao cabo de poucos anos atacadas de miopia. Isto é em parte minorado revezando-se estas operárias cada dois ou três anos. Mas fica patentemente comprovada a deficiência deste serviço o qual, talvez pudesse ser resolvido pela adaptação de lentes, ou qualquer outro aperfeiçoamento do urdume, o que seria de inestimável utilidade.

Deixando de lado muitos outros, os exemplos acima já ilutam bastante a natureza dos problemas que se apresentam numa indústria desse gênero, problemas estes, que só aos técnicos e engenheiros incumbidos da direção da fábrica, cabe resolver. É dever exclusivo dos dirigentes responsáveis impor soluções adequadas a estes problemas, sanando assim estes males, porquanto a defesa do operário é uma necessidade, não só pelo benefício imediato que traz ao empregador, mas principalmente pelos reflexos benéficos que acarreta para o futuro da nação, melhorando o seu "elemento-Homem".

Eis porque para nós, alunos da Politécnica, revestiu-se esta visita do maior interesse porquanto, nos veio elucidar sobre alguns dos muitos problemas que, em nosso meio clamam por solução, solução esta que muito particularmente ao engenheiro competirá resolver, afim de as impressões colhidas para aqueles que não tiveram oportunidade de constata-las.

EDUARDO BORGES

A CAMPANHA PRO-INSTITUTO "PAULA SOUZA"

A campanha para a transformação da Escola Noturna "Paula Souza" em Instituto Técnico para a formação de operários especializados, está se desenvolvendo dentro de um ótimo plano.

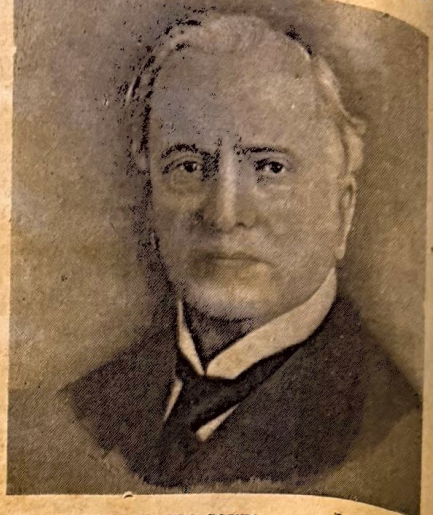
Dirigida pelos nossos incansáveis colegas Hélio Sant'Ana, Osvaldo de Barros e Gilberto Waack Bueno, que formam a Comissão Executiva, ela tem ainda para assegurar uma perfeita realização as Comissões Fiscal, Consultiva e Técnica constituídas por destacados engenheiros do nosso meio.

A campanha está se processando pela venda de folhinhas e pelos pedidos de doativos à indústria paulista, que será, sem dúvida, grandemente beneficiada com a ampliação da nossa instituição. Os alunos da Escola constituídos em turmas, se encarregarão de sentando-os com uma "maquete" do futuro Instituto.

Segundo a opinião dos dirigentes, a construção do prédio na Prefeitura, e deverá estar terminado em fins de 1945.

O entusiasmo que a comissão encontra entre os colegas, seguida da disposição para o trabalho por parte de todos, permitirá que se realize, dentro do prazo estipulado, esse notável empreendimento.

Politécnicos celebres



PAULA SOUZA

Merecidamente iniciamos a coluna dos politécnicos insignes do passado e presente com a figura paternal do Dr. Antonio Francisco Paula Souza. Preclaro fundador deste majestoso berço de grandes brasileiros, nossa querida Escola Politécnica, que, sem dúvida, é um verdadeiro monumento na história das ciências nacionais.

O Dr. Paula Souza foi um desses vultos que se fixaram à custa de sua força de vontade, entusiasmo e capacidade. Bem diferente, portanto, de alguns que, por um fato qualquer acidental, surgem no panorama histórico como autor de algo de útil à humanidade.

Já aos doze anos, por não haver no país cursos técnicos capazes de formar bons engenheiros, preferiu ir para terras estranhas conquistar novos conhecimentos, muito embora pudesse viver sob o amparo de sua abastada família, já tradicional, Na Europa, primeiramente matriculou-se em Zurich e depois em Calrsruhe, concluindo em 1867, aos 23 anos, o curso de engenheiros.

No Brasil, foi um dos mais ardorosos propagandistas das ideias culminadas em 1889. Em homenagem ao mérito, Prudente de Morais então presidente do Estado de São Paulo, nomeou-o Superintendente das Obras Públicas.

Em estudos, esteve nos Estados Unidos da América do Norte, passando depois pela Alemanha. Nestas viagens, adquiriu considerável bagagem de conhecimentos concernentes à estabilidade de construções, à resistência dos materiais, bem como aos novos processos de levantamento topográfico. Nos serviços de campo introduziu o taqueômetro. Foi o primeiro a usar as linhas de Decaurville, assim como também o primeiro a estudar as condições técnicas do traçado da estrada Jundiá-Itú.

Sua visão clara e profunda não lhe consentiu descansos durante toda a sua existência, pois, constatando o muito que devia ser feito no Brasil e pelo Brasil, e como não lhe era permitido viver "ad infinitum", apressou-se em fundar uma casa onde fosse possível amoldar caracteres: formar capacidades para solucionar as grandes e intrincadas questões muito correntes num país vasto e dinâmico como o nosso; formar Homens para os postos que requerem visão, inteligência e bom senso; Mentes para dirigir as massas; Cérebros para transformar toda essa nossa riqueza orgânica, mineral e material em movimento, em vida.

Em 1891, lançou projetos de fundação da Escola Normal. Um ano depois, era eleito presidente da Câmara Estadual, quando então viu transformado em realidade o seu sonho de criação de um Instituto Politécnico.

Assim como o Sol nos transmite diariamente energia e vida, o Dr. Paula todos os dias, pelos corredores da Escola, la distribuído com profusão, palavras e olhares de encorajamento aos colegas de luta. Para os discípulos, havia sempre muito interesse em inquirir dos seus sucessos e aproveitamentos. Um misto de entusiasmo e vigor todos experimentavam quando o "velho" entrava na Escola. Assim o chamavam na intimidade aqueles que, em primeiro lugar lutaram para erigir esta obra magnífica. Seu coração tinha todas as qualidades de um pai, meio e bom, disfarçado, porém, num exterior severo.

Nesta lida de progredir e produzir, o que o animava era a certeza de que, como recompensa, teria concorrido para o levantamento técnico-cultural da maior e mais poderosa nação Sul Americana.

Foi num funesto dia de 1920, podemos imaginar, cinzento e chuvoso, porém calmo e sossegado, que o Mestre partiu para a eternidade, deixando por continuar a sua grandiosa obra. Ela continua e continuará até a consumação dos séculos, pois o Mestre partiu mas não morreu; e, aí do Brasil se permitir que morra na mente de seus filhos a lembrança do grande herói!

Paula Souza não sucumbiu, vive nas salas de aula, no silêncio dos laboratórios, no acuncho do espírito da Escola, nos estádios das fornhalhas; vive no ardor das contendas politécnicas, nos portos, nos sertões e nas capitais, vive nos hinos da paz e algum dia, quem sabe, viverá nos hinos da guerra...

Na majestuosidade da sua obra sentimos sempre os traços sensíveis e reflexos de sua significante personalidade.

Neste tumultuoso século da velocidade e de duas guerras mundiais, quando os povos se destroem mutuamente, a mocidade politécnica paulista, num feliz gesto paradoxal, inicia a edificação do Instituto Paula Souza; mais um monumento, portanto, em homenagem à memória do ilustre engenheiro.

ADOLFO LEMES GILOLI

Reflexões de um Quintanista

Escreveu **GLAUCO BERNARDO**

Muito agradável nos foi a incumbência, com que nos distinguiram os organizadores do "O Politécnico", de escrever um artigo para o nosso jornal.

Pretendíamos fazer uma divagação sobre as vantagens que adviriam com a circulação deste mensário, tais como: combater por meio de ironias e sátiras os maus costumes que porventura se verificassem; unir mais a classe politécnica por ser o jornal em oportuno refúgio de sentimentos e pensamentos comuns; enfim, de um modo geral, um órgão de desabafo, onde qualquer aluno da Escola Politécnica pudesse se manifestar livremente.

Por sugestão, porém, de um dos organizadores do jornal em sua fase nova, vamos abordar um tema um tanto complexo, qual seja a "vida escolar" de um estudante de engenharia.

A idéia principal é fornecer uma espécie de orientação aos alunos dos anos iniciais que, segundo consta, não conseguem se localizar bem nos seus labores escolares, ficando em dúvidas terríveis, pensando se devem dedicar-se ou não a matérias com as quais no decorrer do curso não mais irão ter contato, ou, então, quanto ao ramo de engenharia que devem escolher, etc.

Vamos, pois, analisar a primeira das dúvidas. Os conhecimentos básicos fornecidos nos primeiros anos constituem, na nossa opinião, elementos fundamentais, sem os quais um engenheiro que se preze não deve sair de uma Escola. As matérias teóricas, por mais estériles que pareçam, são sempre fornecidas ao aluno orientadas para uma aplicação posterior, e muito longe estão de uma divulgação exclusivamente científica. São inevitáveis as vezes que no decorrer do curso se fazem necessários estes conhecimentos iniciais, a todo instante aplicam-se os princípios de "Física" e "Mecânica Racional"; para a simplificação e cálculo rápido de uma expressão recorre-se aos artifícios aprendidos em "Cálculo" e aos conceitos e propriedades da Geometria Analítica; a "Química Tecnológica" também contribui com sua parte frequentemente, assim como a "Descritiva", e, finalmente, sobre a "Topografia" e a "Estatística e Nomografia" nada falaremos, pois estes assuntos com as suas aplicações imediatas evidenciam por si sós a importância do seu perfeito conhecimento para um futuro engenheiro.

Não há dúvida de que nos primeiros anos do curso é exigido do aluno muito mais esforço cerebral que nos anos subsequentes; porém, o que deve ficar bem claro é que este esforço empregado aproveita-se posteriormente e, ainda mais, esta recuperação se faz de maneira proporcional, isto é, quem mais aprendeu muito maior facilidade encontra para assimilar as matérias de aplicação básicas para a carreira.

É sabido que, para ser bom engenheiro, uma das condições essenciais é dispor de "bom senso" e "visão ampla"; pois bem, que melhores elementos senão os conhecimentos avançados ministrados na Escola para alargar os horizontes e inculcar na mentalidade do estudante boa dose de bom senso que nada mais é do que a capacidade de racionar certo?

Tem-se argumentado que para ser bom engenheiro não é preciso ter toda esta bagagem de conhecimentos, reputada de supérflua, e que se deveria encurtar o período letivo; são, entretanto, argumentações falhas, porquanto se fossem seguidas desvirtuariam a profissão do engenheiro; este passaria a ser inteiramente um técnico, com um campo de conhecimentos bastante restrito e uma mentalidade enxada sem grande capacidade de discernimento das coisas.

Falamos só dos primeiros anos e pensamos ter mostrado qual o melhor rumo a adotar, isto é, levar a sério, indistintamente qualquer assunto lecionado; passemos a comentar ligeiramente o que é a vida escolar nos anos posteriores.

No 3.º ano, o aluno já vai tomando contato com coisas práticas da engenharia por intermédio das aulas no I. P. T. e o curso se torna assim mais suave daí por diante; no 4.º e 5.º ano só lhe serão apresentadas em aulas matérias que permitem resolver os problemas que ocorrem na vida profissional; também nestes anos (últimos) não deve haver descuido de certos assuntos, todas as matérias são importantes; porém, este último conselho é desnecessário, pois quando já foram vencidos os primeiros anos, fácil será perceber a importância que há em se conhecer bem estes assuntos técnicos da engenharia.

Consideremos agora a segunda das dúvidas, ou seja, a escolha do ramo de engenharia.

Existem na Escola, presentemente, os cursos: Civil, Mecânico-Eletricista, Química, Arquitetura, Minas e metalurgia e dentre eles o que possibilita maior campo de ação é o civil, se bem que os demais sejam muito interessantes, bastando atentar para o fato da especialização que torna mais valiosos os serviços destes engenheiros.

O critério a adotar para a escolha é contudo exclusivamente pessoal, dependendo de cada um saber das suas aptidões, possibilidades do engenheiro, deve ter um pouco de artista.

Aí foi o que a nossa deficiente capacidade literária conseguiu expor; permitam-se ainda fazer um pequeno mas bem merecido elogio à nossa Escola, na qual todos precisam trabalhar a fim de que a sua reputação se veja aumentada e todos nós possamos nos orgulhar de pertencer ou a ela ter pertencido.

Uma questão de conforto e aumento de eficiência

O verão já faz sentir com todo o rigor em São Paulo, e numa tendência a neutrar-se dia a dia. Neste período, devido as aulas durante a tarde, os alunos são obrigados a suportar um calor terrível, ao mesmo tempo que devem prestar a devida atenção a aula. Não é difícil chegar-se a conclusão que estamos diante de um problema, que não deixa de ter uma certa gravidade, pois implica no conforto do aluno, e qualquer pessoa, mesma sem ser um pedagogo, poderá dizer e observar, que a eficiência de um aluno, cresce na razão direta do seu conforto. O problema poderia ser resolvido por um sistema de ar condicionado, e então haveria um aumento de aproveitamento de mais de 40% do atual. Porém, parece-me ver o sorriso irônico, dos únicos que poderiam resolver este problema, o aluno que deseja prestar atenção em uma aula, o faz em quaisquer condições, e ademais, não compensa gastar tal verba, para melhorar o conforto de uns 500 alunos, eles que se arranjam. Porém, eu sugiro outra solução, pelo menos enquanto não resolverem a solução acima. Esta solução consiste em que por um acordo mútuo entre professores e alunos, seja permitida liberdade maior no vestuário, desde que não atente contra as leis da moral. Aos nossos professores e diretores lançamos tal apelo, para que possamos sentir em melhores condições físicas.

Walter Egrancia de Oliveira

Saudação dos

Bolivianos

A aceitação do gentil convite do colega Adolfo Lemes Gilloli, aluno do 2.º ano da Escola Politécnica e dirigente do periódico "O Politécnico", é o motivo da aparição destas palavras no seio da Juventude Universitária da prestigiosa Escola Politécnica de São Paulo, à qual temos honra e orgulho de pertencer.

Sirva esta oportunidade para agradecer a nossos colegas pelo espírito de amizade e camaradagem que para conosco tem.

São várias as causas que nos fazem sentir a amizade que o Brasil demonstra a nossa Pátria, razões como esta fossem que todo estudante boliviano neste formidável país, se sinta em verdadeiro ambiente de boa vizinhança.

Resta ainda dizer que esta grande nação Sul-Americana conta com um admirador e amigo em cada boliviano, que além de adquirir uma profissão, conhece de perto o que é o Brasil em relação aos demais países das Américas.

GUILLERMO BULACIA SALEK
SAUL SUÁREZ CABALLERO
ROGER PAREJA EGUEZ
GERMÁN RAMOS Y RAMOS
FEDERICO ALMARAZ
HUGO ALMARAZ

Torna-se necessário

Com o crescimento do número de alunos da Escola, tem-se verificado certos fatos, que, embora não prejudicando o andamento normal do curso, vêm tirar aquilo que é talvez um dos ensinamentos básicos que a Escola nos presta — Trata-se do desaparecimento daquele regime de camaradagem e coleguismo entre os colegas, antigamente muito pronunciado.

Temos a impressão de que um dos motivos desse fato e justamente a dificuldade em se conseguir reuniões para os colegas, sendo de se lamentar que os colegas não se conheçam melhor.

Estamos adotando uma medida por parte do Grêmio que viria ao encontro das necessidades futuras, como os 300 alunos que a Diretoria nos promete, para dentro de breve.

Deve o Grêmio providenciar para que haja o maior número possível de reuniões extra-curriculares, tais como por exemplo competições esportivas, mas principalmente excursões para o maior número possível de alunos.

Destas reuniões, e temos certeza de que o Grêmio irá realizá-las em maior número, devemos nós, alunos, tirar o maior proveito possível, isto em benefício nosso e da Escola, pois somente assim poderemos "conservar o famoso "espírito politécnico".

Pelo menos, é um dos meios para conseguir-lo!

T. J. PARKAS

Para que intervalos

A Escola Politécnica tem entre outros um grave problema, que tem se mantido inalterável com o correr dos tempos: é o caso da delimitação dos intervalos ou para ser mais claro, quando começa e quando termina um intervalo. Consequentemente não há também delimitação das aulas. Teoricamente o problema é indeterminado, pois, temos uma equação (o dia) e n incógnitas (n intervalos num dia).

A explicação que se procura dar ao caso, divide-se em duas correntes:

1.º — Quando se projetou a Escola não se deu muita importância a campanha, colorando-se poucas e de pequena poluição.

2.º — A sensibilidade auditiva dos professores e alunos era maior na antiguidade, quando a Escola foi fundada (1894) e decoreceu com a vida agitada e barulhenta dos nossos dias.

O problema agravou-se nos últimos 10 para 5 minutos, pois qualquer cochilo por parte dos alunos trás como consequência a desaparecimento dos 5 minutos de descanso.

Durante os 45 minutos, que "deveriam" durar as aulas os mestres estão sob o fogo concentrado de olhares dos alunos sendo que a atenção desrege até o mínimo quando se aproxima o desfecho da aula.

Para o mestre, que entra com a matéria engatilhada, a situação é bem diversa da dos alunos que procuram absorver a enorme variedade de materiais destinados aos seus depósitos cranianos. Enquanto o mestre dá somente algumas aulas semanais o aluno fica sentado em média 1/4 do dia assistindo ao desfile de inúmeros mestres, que parecem tomar parte numa corrida de revezamento em que cada qual procura passar o bastão o mais depressa possível para não se perder tempo.

Em consequência dos fatos citados os alunos precisam ser "qualquer coisa" de ferro para suportar as aulas que se emendam sem interrupção. Além disso o número de aulas é excessivo e os alunos chegam ao fim do dia completamente inutilizados para outras atividades mentais. Lembrem-se os mestres, que mesmo os melhores "aços" podem romper por fadiga.

As consequências da falta de "significação auditiva" e "fanatismo" de certos mestres são as vezes bem interessantes, podendo se citar algumas das mais frequentes:

CASO — A

Quando o mestre está no auge de uma explicação, toca a campanha e ele não ouve nada além de sua voz ecoando pela sala. Os alunos começam a remexer-se nos seus lugares, consultam os relógios, olhar pela janela, fechar os cadernos, guardar os lápis, perguntar em voz alta ao companheiro se já bateu a campanha, etc., mas esses estratagemas nem sempre são compreendidos pelo mestre. "Pode ser" que o mestre não queira compreendê-los e assim continua inalterável em sua marcha veloz. Ha casos em que somente um desabamento traria o mestre à dura realidade: a aula terminou!

CASO — B

..A campanha toca rapidamente e o mestre parece ouvir algo, perguntando então: o sinal já deu? A resposta unânime não se faz esperar: já!

CASO — C

..A campanha toca ao longe e nada muda quanto ao mestre. Algum aluno valente se arrisca e diz: Professor, desculpe mas já bateu. O mestre, incrédulo, consulta o relógio e exclama: como éoa o tempo (mas éoa heim!).

CASO — D

Alguma minutos antes de bater o sinal, o mestre, parecendo ouvir ruídos de campanha pergunta: já tocou! Alguns alunos temerosos de que se já iniciado assunto noto, dizem: não, mas já está na hora.

CASO — E

Após o toque aparece o sergente, abre a porta e avisa que já bateu. O mestre desanimado arreata e se queixa das ex-casas de tempo e da quilometragem do programa.

Uma coisa é batata: todos os mestres estão com o programa atrasado e a velocidade das aulas é sempre acelerada. Também o número de aulas é considerado o triângulo.

Além das coisas citadas há outras menos frequentes, como o de mestres, que antes do sinal de "partida" incadem e sem pesanejar começam a escrever na pedra "para ir adiantando".

Os mestres mais "fanáticos" julgam que o intervalo foi criado somente para servir como tempo de arrematado de suas aulas.

Perguntaram agora: qual a solução para tão delicado problema?

Após inúmeras noites de discussão e após a consulta dos melhores manuais sobre campanha e acústica, além de visitar outras Universidades, uma comissão composta dos melhores alunos da Escola, chegou a seguinte conclusão: dever-se-iam colocar mais campanhas e mais potentes nos corredores ou uma campanha em cada sala. Em caso de não surtir efeito, propõe a comissão, que os estrados fossem metálicos e por meio de uma chave geral far-se-ia passar uma corrente elétrica de grande intensidade e baixa voltagem de modo que o mestre avisado não titubearia em descer do tablado.

Até hoje não houve verba que fosse suficiente para a aquisição dessas campanhas: é outra conclusão dos alunos. Si houvesse, é lógico que já o teriam feito, pois a atual situação de incerteza somente traz complicações no horário.

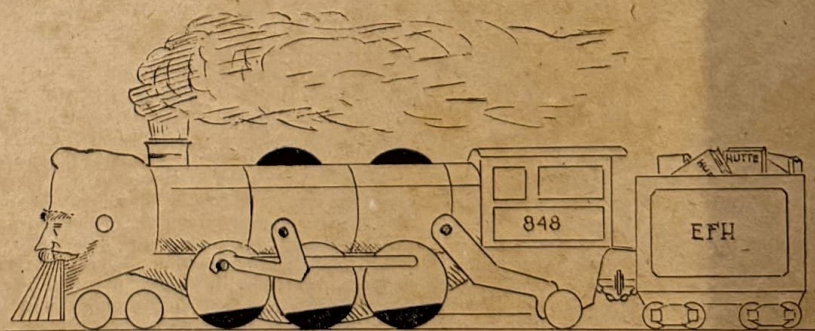
Os alunos consideram os intervalos "coisa sagrada" e esperam que providências sejam tomadas. Se for preciso recorram-se aos Fundos Universitários de Pesquisas ou mesmo que se faça correr uma lista entre os alunos e surgirá a tão difícil verba.

Os mestres por sua vez devem "acertar os relógios" e entendê-los.

NOEL REBLIZ

AMIGO!

Mestres, colegas e simpatizantes, venham colaborar conosco. Um estímulo, uma opinião, um aparte, tudo enfim que seja edificante, receberemos prontamente e lhes seremos infinitamente gratos.



Uma das melhores locomotivas da Escola Politécnica

NOEL REBLIZ

Eleições do Grêmio Politécnico

CENTRO MORAES REGO



FIRMINO ROCHA DE FREITAS

Para dirigir os destinos do Centro Acadêmico Politécnico no correr do ano de 1945, apresentaram-se dois candidatos de grande valor e destaque nos meios politécnicos e mesmo nos círculos universitários.

Firmino Rocha de Freitas e Rubens Lima Pereira

As chapas estavam assim constituídas:—

CHAPA FIRMINO

Para Presidente	Firmino Rocha de Freitas
Para Diretório	Alfredo Gandolfo
	Sydinir B. Barbosa
	Laerte Setubal
	Francisco Oliva

CHAPA RUBENS

Para Presidente	Rubens Lima Pereira
Para Diretório	Benoit de Almeida Victoretti
	Gilberto Waack Bueno
	José Luiz Lerro Barreto
	Olavo Euvaldo

Depois duma luta intensa e democrática, para a qual não mediaram esforços, venceu o candidato à presidência — Firmino R. de Freitas com 221 votos e para o diretório:—

Gilberto Waack Bueno	292 votos
Olavo Euvaldo	216 votos
Alfredo Gandolfo	209 votos
José Luiz Lerro Barreto	195 votos

Semana da "Cidade Universitária"

Como é sabido, com faustoso júbilo comemoraram os universitários paulistas a "Semana Universitária", acompanhando de perto, com grande interesse, o desenrolar dos trabalhos com que a Reitoria da Universidade de São Paulo procurou demonstrar quão próximo já se achava de nós essa grande realidade que será a CIDADE UNIVERSITÁRIA, a qual constituirá um monumento peregrino capaz de por si só evidenciar o elevado espírito da educação na Universidade paulista.

Consistiram esses trabalhos em exposições de filmes e desenvolvimento de palestras, estas a cargo de meritórias figuras do corpo docente das nossas faculdades:

Jorge Americano, Luiz de Abranches Melo, Raul Briquet, Murilo Mendes, Ernesto Souza Campos, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Trajano Pupo Neto, Carleton Sprague Smith, Sérgio Buarque

da Holanda, Benedito Monte-negro, Rafael de Paula Sousa, Baeta Viana e Jean Gagé.

Na Galeria Prestes Maia, pudemos presenciar: a) a exibição de trabalhos relativos aos anteprojetos da Cidade Universitária, e Reitoria, Faculdade de Filosofia, Escola Politécnica, Instituto de Pesquisas Tecnológicas e Instituto de Eletrotécnica; b) a exibição de esquemas e fotografias de Universidades estrangeiras.

Lideando as comemorações relativas à realização da Cidade Universitária, tivemos a oportunidade de examinar a exposição em que os Fundos Universitários de Pesquisas apresentaram parte dos seus já inúmeros trabalhos, cujas finalidades são por demais conhecidas para exigirem comentários.

[Por estes grandes empreendimentos elaborados no seio da Universidade de São Paulo nos congratulamos todos os universitários paulistas.

O candidato Rubens L. Pereira conseguiu 191 votos, portanto, 30 a menos que o seu concorrente vencedor.

DADOS BIOGRÁFICOS DO CANDIDATO ELEITO:— Ingressou no Pré da Escola Politécnica em 1937, conseguindo na ocasião o 3.º lugar no Concurso de Seleção.

Com grande brilhantismo, classificou-se em 1.º lugar no Concurso de Habilitação à Escola, em 1941.

Na presidência de Osmar Queiroz Botelho, em 1941, tomou parte activa na propaganda da IL.ª PAULI-POLI.

No ano seguinte, foi nomeado Diretor de Sede do Grêmio, quando então, ampliou consideravelmente a "vendinha" da Sede. Ainda em 1942, foi membro da Comissão Social, tendo nessa ocasião se destacado na organização do Vespéral da Poli. Apesar das grandes dificuldades financeiras, pelas quais o Grêmio passava, Firmino aproveitou essa oportunidade para revelar a sua grande capacidade de dirigente e organizador. Ainda hoje muitos são os que recordam com saudades a vespéral da Pauli-Poli de 1942 — "A MAIOR DA AMÉRICA".

Em 1943, junto de Ernesto Mange, Alair de Barros e outros colegas, promoveu os grandes festejos comemorativos do 50.º Aniversário da Escola Politécnica, concomitantemente ao 40.º Aniversário do Grêmio Politécnico e 25.º da Escola Noturna "Paula Souza".

Comemorações essas que, apesar do estado de coisas reinante no seio do Grêmio daquela época, foram coroadas dos maiores e mais jubilosos êxitos que se poderiam desejar. O festejo culminaram com a restauração da tradição que desde os primórdios o Baile "Paula Souza" vinha tendo — ser o mais fino e aristocrático de São Paulo.

DADOS BIOGRÁFICOS do Candidato não eleito: — Rubens L. Pereira.

No Grêmio Politécnico o primeiro cargo a ocupar foi o de Diretor de Xadrez.

Na F. U. P. E. foi Diretor de Xadrez, depois Diretor de Nataçã e Saltos e por fim Diretor Geral de Esportes.

Neste ano de 1944, ocupou com real destaque o cargo de Diretor de Esporte, no Grêmio Politécnico, fato este bastante significativo quando procuramos pesar os fatores que influíram no ano das grandes vitórias esportivas politécnicas.

Foi com Rubens como Diretor de Esportes que o Grêmio conseguiu em 1944:—

Vencer I Olimpíada Universitária

Vencer V Pauli-Poli

Classificar-se em 2.º Lugar no Revesamento Universitário.

Classificar-se em 2.º Lugar no Campeonato Relâmpago de Voley.

Vencer o Campeonato Universitário de Xadrez.

Colocar-se em posição para disputar o 1.º Lugar do Campeonato Universitário de Futebol. (Este caso a FUPE ainda está resolvendo).

O jornal "O Politécnico" aproveitou-se da oportunidade para revelar a todos os colegas e simpatizantes o seu caráter imparcial, durante as eleições.

Logo após a apuração, o candidato eleito deu uma chopada no Pinguim, em regozijo à dura vitória. Compareceram na ocasião o candidato Rubens e o presidente Osvaldo de Barros.

Faz-se mister acrescentar aqui, já ter o jornal se avistado com o Presidente Firmino e o que imensa satisfação e desprovidos de qualquer sentimentalismo que nós da Redação nos congratulamos com todos os politécnicos, em virtude das qualidades construtivas, administrativas do presidente eleito.

Grandes planos serão levados à realização, nesse ano de 1945.

Ao Sr. Presidente Firmino Rocha de Freitas e a todo o diretório eleito os sinceros votos de grandes empreendimentos e felicidades do "O POLITECNICO".

REPRESENTANTES DE TURMA

Os representantes de turma eleitos para o ano de 1945 são os seguintes:—

5.º ano: César de Sá Bierrenbach
4.º ano: Elbio Camillo
3.º ano: Lélito Teixeira
2.º ano: Jorge F. Mattos

REVISTA POLITECNICA

(Quadragésimo aniversário)

Em 1900, foi tentada pela primeira vez, a publicação da Revista Politécnica. Fracassada aquela primeira tentativa, pois foram publicados apenas dois números, os alunos de então não esmoreceram. Com a fundação do Grêmio Politécnico, a ideia ressurgiu entre os alunos com invulgar ânimo, e em Novembro de 1904 foi publicado o primeiro número da Revista Politécnica. Essa iniciativa iria agora desafiar os anos.

Surgiu assim a Revista Politécnica, uma obra exclusiva dos alunos de nossa querida Escola.

Comemorando-se em Novembro deste ano o 40.º aniversário da fundação da Revista Politécnica, é justo que prestemos, com esta nota, uma homenagem a todas as antigas diretorias do Grêmio Politécnico, que souberam manter, na maioria das vezes com sacrifícios enormes, esta nobre e útil publicação, bem como à actual direcção que ela possui.

CONCURSOS PARA O CARGO DE

PROFESSOR CATEDRÁTICO DA

ESCOLA POLITECNICA

A Diretoria da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo comunica que serão publicados, brevemente, editais de abertura de concursos para provimento do cargo de professor catedrático das seguintes cadeiras:

N.º 4 — "Mecânica Racional";
N.º 17 — "Concreto simples e armado; Teoria, Experiência e Aplicação aos casos correntes";
N.º 27 — "Físico - Química e Electro-Química" e
N.º 29 — "Bio-Química".

COMPANHEIRO!

A tua cooperação nos é por demais preciosa. Não deixe, pois, de trazer a tua crítica dentro desta organização que te representa.

Aos 29 de Janeiro do corrente ano, foi fundado o "Centro Moraes Rego" órgão dos alunos, ex-alunos e professores do Curso de Minas e Metalurgia da Escola Politécnica.

Os objetivos que levaram à fundação do novo centro são antes de tudo naturais: patrocinar conferências, promover excursões de estudos geológicas, publicação de assuntos mineralógicos e enfim abordar fatos que interessam à Geologia e à Mineralogia no Brasil.

A sua fundação foi amparada e aplaudida obtendo o apoio do Director e professores da Escola, Reitor da Universidade e associações culturais do país.

Dada a responsabilidade assumida pela Diretoria do Centro, devido ao saudoso mestre L. F. de Moraes Rego, como um dos fundadores do Curso de Engenharia de Minas e Metalurgia da Escola, como grande autoridade em Geologia, como engenheiro de Minas e Geologia e Petrografia da Escola, traçou um programa de acção, no qual foi muito bem sucedido.

As conferências e palestras realizadas e com numerosa assistência, teve larga repercussão nos meios estudantis; conseguiu-se também a publicação das mesmas.

Uma questão de magna importância levada a bom termo, foi o reconhecimento do Curso de Minas e Metalurgia da Escola. Um curso com cinco anos de existência, funcionando plenamente, muito bem aparelhado, levando em conta as realizações e a tradição gloriosa da Escola, não poderia deixar de ser reconhecido.

Da iniciativa realizada no 1.º semestre por uma comissão de alunos enviada ao Rio de Janeiro, junto ao Ministério da Educação, resultou o reconhecimento dos diplomas dos alunos recém-formados, pelo decreto n.º 15.634 do Diário Oficial do Estado de São Paulo de dia 25 de Maio de 1944.

Entre outros acontecimentos de maior relevância, o C. M. R. promoveu no dia 12 de Outubro, uma solenidade comemorativa do Dia do Engenheiro de Minas e Metalurgistas; realizando também nesse dia uma saudação aos engenheiros do Curso e eleição da nova diretoria.

Regeu os destinos do C. M. R. no ano de 1944, a seguinte Diretoria:

Presidente

Henrique Anaواة

Secretário

Eduardo Pacheco e Silva

Tesoureiro

Albino Arojo

PENSAMENTOS!

É preferível ceder o caminho a um cachorro, a ser mordido por ele, disputando-lhe um direito.

LINCOLN

CONFERENCIAS

No dia 10 de Outubro último, realizou-se no Anfiteatro de Química da Escola Politécnica, uma conferência a cargo do Prof. Dr. Luiz Cintra do Prado, versando sobre as propriedades ondulatórias da matéria.

O conferencista soube apresentar esse tema de grande atualidade com a clareza e facilidade de expressão que lhe são peculiares, auxiliando a sua exposição com grande número de demonstrações e projeções explicativas.

O êxito esperado da conferência, foi abrandado pelo grande número de pessoas presentes, entre as quais notavam-se vários representantes dos corpos docentes e discentes das diversas Faculdades da Universidade de São Paulo.

Boris Schneidermann

SUA CARREIRA DE ENXADRISTA

Como homenagem especial à turma de Xadrês, a essa turma que durante sete longos anos defendeu com entusiasmo e dedicação o nome do Grêmio, que durante sete longos anos deu ao Grêmio vitórias e mais vitórias, como justa homenagem à turma que jamais foi



Batida, resolveu a direção deste jornal apresentar aos colegas, em rápidos traços, a carreira do seu mais forte elemento: o enxadrista de cartaz internacional, Boris Schneidermann.

(*)

Boris Schneidermann surpreende-nos, logo no início de sua carreira, por sua precocidade. Com efeito, no seis anos de idade já se iniciava ele, sob os cuidados de seu progenitor, na prática do jogo — ciência, do jogo — arte.

Até a idade dos dezesseis anos, praticou com regularidade, jogando, quase que exclusivamente com o seu progenitor, duas a três partidas por semana, no mesmo tempo que se aprofundava nas complexas análises da teoria enxadrística.

Com um cabedal enxadrístico respeitável para sua pouca idade, lançou-se Boris na disputa dos torneios da 1.ª turma de Bucarest, e, mediante uma atuação regular e segura, obteve magníficas colocações frente a "experimentados enxadristas rumenos."

Começou-se nesta época (1934) a interessar-se por problemas e finais artísticos e, dando largas à sua imaginação e fantasia, compoz vários finais um dos quais (publicado no "L'Esquiquier", no "O Xadrês Brasileiro", e na "capa do 'L'Italia Schachistica'") lhe deu o prêmio do concurso internacional de finais artísticos da "Revista Rumena de Xadrês".

Em 1936 viajou e veio fixar residência no Brasil. No ano seguinte deu início, e de forma brilhante, às suas atividades enxadrísticas em nossa terra: classificou-se em 2.º lugar no torneio da 1.ª turma do Clube de Xadrês de São Paulo e disputou com impressionante firmeza e regularidade de atuação o 1.º Torneio Sul Americano de Xadrês, fazendo já a um prêmio especial.

Sua magnífica estréia nesses torneios, valeu-lhe elogiosas e entusiásticas referências de toda a imprensa brasileira que nele já vislumbrava uma grande promessa para o enxadrismo nacional.

Em 1938, em pleno apogeu de sua carreira, Boris obteve a mais retumbante vitória de sua carreira, quando frente a mestres como Emilio Nacif e Raul Charlier, sagrou-se Campeão Paulista de Xadrês.

Em 1940 ingressou e, diga-se de passagem, com ótima classificação, na Escola. Sua dedicação aos estudos, manteve-o afastado das lides enxadrísticas durante algum tempo, e sua única atividade nesse setor foi quase só defender o Grêmio.

Em 1941, saindo de sua inatividade forçada, Boris teve ocasião de reafirmar de maneira inofensível o seu grande potencial enxadrístico, quando no Torneio Internacional de S. Paulo obteve o 1.º lugar entre os brasileiros, vencendo e empatando com mestres internacionais como Gromer, Salas Romo, Erich Eliskases e outros.

Muito ainda se poderia falar sobre a carreira do nosso 1.º taboleiro: a falta de espaço infelizmente não nos permite fazê-lo. Resta-nos acrescentar que Boris Schneidermann, como aluno, como amigo e como enxadrista impõe à admiração e ao respeito de seus colegas e que os sete anos em que ele foi capitão da turma mais forte que já passou pelas Universidades do Brasil, marcaram época na vida do Grêmio e representam sem dúvida a fase de ouro do enxadrismo politécnico.

O Esporte fator de elevação moral do homem

RUBENS LIMA PEREIRA

"Mas como te foi dado às paixões que te cegam, combat e vence — trata então de doma-las".

(Versos Aureos — Pithagoras)

Nem todos mesmo entre aqueles que gostam de esporte, sabem ao certo o que é ser esportista, e para que serve o esporte.

Muitos julgam que o esporte não é mais do que uma diversão: outros julgam que o homem pratica esporte para tornar-se mais forte, mais resistente; outros ainda, que praticá-lo é uma maneira de se fazer notado (de "fazer faror" como se se diz geralmente).

Os que pensam como os dois primeiros grupos, acertam em parte com o fito que deve tem em vista o esportista.

Este deve ser antes de mais nada um idealista.

O seu ideal? — Tornar-se física e moralmente perfeito.

Procurar se e pre elevar-se, superando si possível seus adversários no campo da luta, pois que nem todos podem conseguir a vitória.

O verdadeiro esportista deve competir lealmente, sem procurar fugir às regras e regulamentos de uma prova em que tome parte, e procurando obter uma vitória por meios lícitos.

Não é esportista de fato aquele que julga que faltas podem ser praticadas, desde que o juiz não as note (fato esse comum hoje em dia). Faltas cometidas propositalmente com o fito de não ser denotado, ou deixar escapar uma vitória, não são dignas de um esportista de valor.

Desses elementos que falcetruam no esporte podemos dizer com Amadeu do Amaral: —

Destreza, porte, e os músculos, nada falta. Nada te faltaria, oh! não! si não faltasse o sopro, a chama, a luz que transfigura e exalta.

Conseguirá o esportista o seu intento? Sim? Não? Que importa?! Deve viver e lutar para atingi-lo e a esperança será o seu fual.

O esporte deve ser praticado como um culto, à lealdade, à dis-

(Continúa na 7.ª pág.)

A Escola Politécnica sagrou-se campeã da 1.ª Olimpíada Universitária Paulista

(Escreveu para o "O POLITECNICO" Octavio MONTESSANTI Ex-Diretor de Atletismo da F. U. P. E.)

No decorrer da Semana Universitária foi dado ensejo a se apreciar no Estádio Municipal do Pacaembu uma competição que marcará época nos anais esportivos universitários: a 1.ª Olimpíada Universitária Paulista. Na verdade, essa festa de confraternização dos estudantes de nossas escolas superiores alcançou o mais pleno êxito, apesar dos rumores prévios à sua realização, cujo argumento era a constatação de que uma competição de tal gênero, submetida forçosamente aos sorteios nas eliminatórias, não poderia suplantir o antigo sistema de disputas isoladas de campeonatos acadêmicos em cada setor esportivo, por fato facilmente compreensível. Entretanto, a própria Olimpíada encarregou-se de demonstrar a fragueza desse argumento. Com efeito, foi dado a Cezar o que é de Cezar, de modo que os prota- gônistas acabaram por ocupar na classificação final o lugar correspondente às suas forças. A eliminação de uma turma forte, no decorrer da eliminatória de um dado esporte, é neutralizada pelo fato significativo de junção de todas as modalidades de esportes, dando mesmo um incentivo à prática de alguns menos explorados pelos estudantes, e mais ainda, por dar ensejo à maior facilidade de confraternização entre os estudantes, o que constitui o aspecto primordial de uma competição esportiva universitária.

Para júbilo de todo o politécnico, conseguimos nos sagrar cam- peões olímpicos universitários, merecemos os esdrúxos e as qualidades dos nossos esportistas. Entretanto, não foi sem grande luta que conseguimos um título tão significativo, patrandos mesmo, durante o transcor- rer da competição, as dúvidas sobre a nossa vitória final.

Assim, até mesmo o penúltimo dia, ocasião em que se deveriam efetuar os jogos finais de Xadrês e de Bola ao Cesto entre a Polité- cnica e a Faculdade de Direito, ocupávamos a segunda posição na classi- ficação coletiva, com um total de 13 pontos, empatados com a Facul- dade de Direito, e superados pela E. E. Mackenzie, que contava com um total de 21 pontos.

No dia posterior deveria se realizar a 2.ª parte da competição de atletismo, virtualmente ganha pela Faculdade de Medicina, mas com séria concorrência ao segundo lugar, entre a Politécnica e o Mackenzie.

Com fibra de Campeões, conseguimos uma vitória espetacular em Bola ao Cesto, numa partida que dificilmente será esquecida pelos que a assistiram. Conseguimos abrir o score, provocando uma reação no "five" de Direito, que lhes deu a vantagem de alguns pontos. Adqui- rindo o controle do jogo, Celso e seus companheiros atingiram o em- pate, ocasião em que se deu por encerrado o primeiro tempo.

No segundo tempo, a luta atingiu o auge da empolgação, pela rapidez nos passes e perfeito controle de bola principalmente entre os nossos jogadores, que merecê a isso conseguiram uma espetacular vitória por 27 a 19.

Com essa vitória, nossa escola se isolava da Faculdade de Direito na classificação coletiva, com um total de 18 pontos. Logo depois veio a grata notícia da nossa vitória em Xadrês, o qual nos colocou em primeiro lugar, com 23 pontos, e em situação de virtuais campeões da Olimpíada.

No dia seguinte, merecê grandes esforços, conseguimos manter o nosso segundo lugar em Atletismo, aumentando desse modo a diferença com o segundo colocado na classificação global, o que denota com evidência a superioridade esportiva da nossa escola.

Participaram da Olimpíada esportistas de real valor, não só nas pugnas universitárias, como nos campeonatos paulistas e brasileiros, entre os quais destacamos Doria, Belo, Massenet, Di Pietro, Pini, Mar- rity, Michelany, etc., todos eles em ótima forma, o que aumentou o realce da competição.

Considerando os esportes isoladamente, o que sem dúvida mais emocionou os assistentes foi o Cestobol, que atingiu o máximo da em- polgação na partida final.

Em atletismo tivemos ensejo de apreciar belas disputas, às quais advieram excelentes resultados, entre os quais cumpre destacar o de Celso Doria no salto em altura, de 1.88 o que constitui novo recorde universitário brasileiro.

A natação também permitiu apreciar-se excelentes disputas, me- ramente na classificação coletiva, cujos louros se voltaram para o Mackenzie, com pequena vantagem sobre a Politécnica.

Além de um elogio global à todos os bravos esportistas desta es- cola, é imprescindível que se faça uma menção especial dos feitos de certos elementos, que pelas suas performances, foram fatores de gran- de importância na vitória final. Em primeiro plano, aparece a impen- nente figura de Celso Pinheiro Doria, que tantas glórias já obteve no terreno esportivo da nossa terra. Além de brilhar em atletismo, onde conseguiu três primeiros lugares e um segundo lugar, conquistando um significativo recorde brasileiro, Celso foi elemento de real valor nas equipes de Cestobol, que se sagrou campeã, e de voleibol, vice campeã.

Cada componente da turma de Cestobol também é merecedor do mais rasgado elogio. Com efeito, um Genari, um Ladeira, um Leon e um Antoninho é um elemento de destaque no setor esportivo univer- sitário, com uma bagagem de glórias capaz de manter o seu nome conhecido das futuras gerações de alunos desta escola, que então po- derão se inspirar nos seus grandes feitos.

Não menos merecedores de elogios são os componentes da equipe de Remo: Lélío, Montavani, Manfrini, Pinchos, Valentim, Scavone, Cauduro, Bierrenbath, demonstraram possuir fibra de verdadeiros es- portistas, superando uma turma de reconhecido valor, e suposta como favorita.

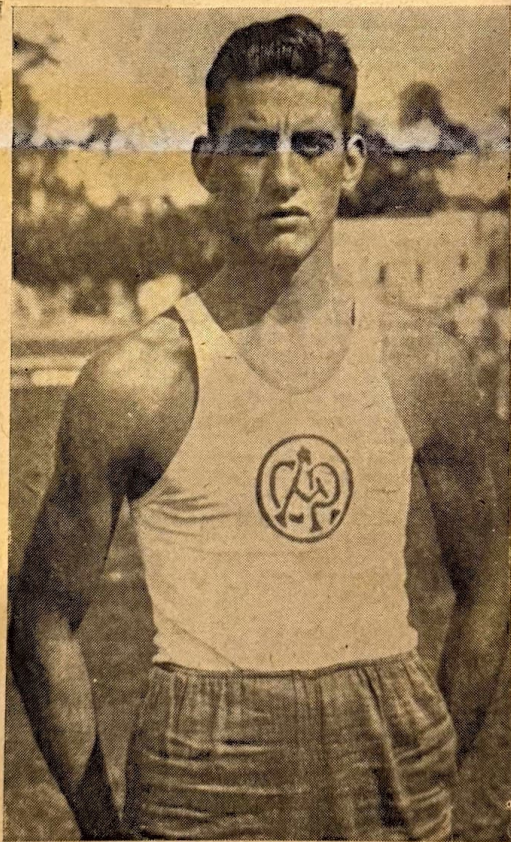
Em natação, tivemos a satisfação de contar com elementos novos e destacados, que já haviam colhido uma grande vitória no Torneio Estimulo de Natação. Entre eles, distingue-se Laerte Setubal, segundo classificado na prova de 100m, nado livre, e que foi um sério concorre- nte de Marly.

Dos veteranos, distingui-se "Anginho" que conseguiu excelente vitória nos 200m, nado de peito.

A turma de Xadrês dispensa comentários: a sua glória é tamanha, que se impõe por si só.

Depois dessa esplendorosa vitória, não deve a Escola repousar nos seus louros, e sim aproveitar a força desse entusiasmo para futu- ramente colher novas glórias semelhantes, congregando assim no es- pírito inteligente do politécnico uma perfeição física, que completará as condições requisitadas para o mais pleno sucesso do edificador da nossa pátria.

Campeão Brasileiro



CELSON PINHEIRO DORIA

No Clube Regatas Tietê, nos dias 28 e 29 de outubro realizaram-se as provas do XIII Campeonato Brasileiro de Atletismo, certame no qual clas- sificou-se galhardamente em primeiro lugar, na disputa do DECATLO INDIVIDUAL, o nosso querido colega Celso Pinheiro Doria, conseguindo 6.314 pontos, assinalando novo recorde brasileiro.

Já no Campeonato Paulista de Atletismo realizado nos dias 14 e 15 de outubro, foi Celso quem sagrou-se campeão com 6.108 pontos.

Esse atleta, amigo e nosso companheiro de estudos, vem assim pôr em destaque a sua fibra de esportista, coroando o seu esforço e a sua dedicação.

Ao Celso pois, uma das benquistas revelações do atletismo brasileiro, a cujas qualidades morais e intelectuais aliam sempre uma performance brilhante de cavalherismo, os parabens de "O Politécnico".

Considerações de ordem geral para as nossas industrias

Nestas últimas décadas, o desenvolvimento industrial brasileiro, sob todos os aspectos, foi de tal forma rápido e amplo que já nos é lícito orgulharmo-nos das nossas conquistas e realizações nesse setor da atividade humana.

Do "gigante eternamente", conceito refletido na composição do próprio lino nacional, manifestou-se em nosso país o ressurgimento da capacidade industrial de seus elementos e pudemos assim, desenredar-nos dos atavismos primitivos, do dissolutismo, caminhando, a largos passos, para a consecução da nossa independência econômica.

Os acontecimentos atuais, que culminaram com a inclusão do nosso país no rol dos beligerantes, não obstante caracterizar a guerra uma fase crucial para a humanidade e originar transtornos internos de toda a espécie, determinaram o aparecimento de novas indústrias nacionais e o incremento das existentes a um tal grau que, no futuro, com o término das hostilidades, a prática adquirida e os aperfeiçoamentos obtidos virão constituir seguros meios de defesa contra a concorrência dos produtos estrangeiros.

Si a semelhantes resultados chegamos, muito se deve aos técnicos nacionais, que se confrontaram airosoamente contra toda a sorte de impecilhos e realizaram, no tempo curto de que data a era da nossa expansão, uma das obras de maior projeção da nossa história. Técnicos brasileiros, pois, nativos ou alienígenas radicados em nosso seio, eis os artífices da estrutura do parque industrial brasileiro.

Em nação nova como a nossa, despida de tradições industriais, o que não se observa em outros países, principalmente na velha e turbulenta Europa, inúmeros esforços tiveram de ser empregados para atingir os objetivos em vista.

Analisemos, em linhas gerais, como eles se processaram num determinado ramo. Seja o das indústrias químicas e acompanhemos o trabalho de um técnico que dirige uma organização. Enquanto nos outros países a estandarização das matérias primas obedece a um método absolutamente normal, aqui no Brasil sofre-se os efeitos da sua indobervância. O trabalho de um técnico, no estrangeiro, não estará a subordinar-se à boa ou má qualidade das matérias primas adquiridas; habituado a recebê-las por especificações e de casas especializadas, estará invariavelmente de posse de elementos seguros. Infeliz do técnico nacional que se baseasse nas especificações apresentadas no ato da compra das matérias e não verificasse posteriormente a sua dosagem e composição. Muitos aborrecimentos lhe adviriam, por haver empregado materiais completamente diversos dos desejados.

Um exemplo interessante pode ser dado por uma nossa grande firma, que, adquirindo grandes partidas de bixido de titânio e após um grave transtorno de fabricação, constatou que o produto era carbonato de bário. Exemplos como este, contam-se às centenas.

Entretanto, apesar dos pesares, estamos, como já dissemos, caminhando a passos largos e, felizmente, entrando na estandarização das matérias primas, o que virá facilitar o nosso progresso.

Alguns elementos pessimistas ainda tentam subestimar o brilho e a capacidade do técnico brasileiro, mas, entretanto, si fizermos uma análise acurada do assunto, verão que um técnico nosso, em igualdade de condições, não só estará à altura de um estrangeiro, como também o de operários especializados, de famílias que tiveram seus antepassados, que têm seus elementos atuais e que terão seus descendentes trabalhando num trabalho típico, dos vireiros da França e dos cerâmicos, dos carroceiros da Inglaterra, etc.

Salve, pois, o técnico nacional, pela sua punança, competência e, acima de tudo, abnegação.

FRANCISCO ANTUNES
(Presidente da Associação dos Engenheiros Químicos da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo)

Formação do Engenheiro

(Continuação da pág. 8)

sua função, estímulo e recursos para seu aperfeiçoamento. Sem auxílio suficiente, muitas vezes, como testemunhamos, acumulam funções de assistentes, preparadores, ainda até as de simples serventes para que não pereça o Ensino!

Mai remunerados, muitos têm de buscar sustento para a família fora das atividades de seu ensino.

Má economia para a Nação.

Urge que se lhes permita contato com os departamentos das obras e serviços públicos, cujo parque deve ser fonte de experiência e ilustração para os que têm a responsabilidade do preparo da mocidade. Refiro-me às acumulações de função para professores de cadeiras de aplicação.

É preciso que se lhes proporcionem viagens de estudo nos grandes centros científicos e industriais. Projetaríamos mais luzes ao nome do Brasil e, lá fora, aprenderão a admirar-lo e a amá-lo ainda mais, para melhor servi-lo.

Conceda-se tempo integral aos que o sollicitarem.

E a todos, paga condigna, para que as cátedras não fiquem privilégio de ricos ou formento para os idealistas.

A ESPECIALIZAÇÃO.

Saldos das escolas, com a formação científica geral que as Faculdades proporcionam, perguntamos: temos o Engenheiro?

Ainda não.

O contato com a indústria, com as fabricas, com os cantos de trabalho, com as galerias das minas, com a administração, com os negócios, com o pro-

fissão propriamente dita é que o fará engenheiro.

E tanto mais rapidamente quanto melhor tenha sido a sua formação geral.

O Estágio na fábrica, nas obras públicas, nas minas proporcionam-lhe o contato com o mestre, com o operário. As diversidades de formação encontrarão aí o polímetro necessário para que as superfícies de contato se ampliem, percam as rugosidades e acelerem a inteligência mútua, para o trabalho comum. Obedientes às necessidades do País, forjarão juntos os seus destinos.

Cumpra aos poderes públicos e aos industriais essa tarefa, como aliás, se faz em todas as partes do mundo.

Não basta a proteção do diploma.

É preciso que se abram as portas das repartições, os parques industriais, os portões das fabricas para que os portadores de títulos — em contato com a matéria prima, até se tornarem produto acabado, pelo trabalho e pela ação, se tornem Engenheiros.

Má compreensão do problema, desconhecimento das necessidades brasileiras ou simples desejo de pegu-bras e exclusivas para o maquinário de certas indústrias, têm reclamado das Escolas o preparo de um técnico especializado.

... Ora, não é como vimos a tarefa das Faculdades de Engenharia. E nem a especialização exagerada convém aos interesses coletivos.

É princípio aceito que "a especialização não forma chefes".

Afirmam-no os Congressos mais celebrados de Engenheiros, apoiam-no as associações de classe, consagram-no, na sua legislação, os países pioneiros da indústria.

As estatísticas demonstram, na Alemanha, pela da super-especialização

UM LEITOR PERGUNTA

por S' e S"

Nesta seção serão editadas as perguntas que forem enviadas à Redação pelo leitor que tiver qualquer dúvida sobre assunto de interesse geral, escolar ou não. Os outros leitores ficarão incumbidos de enviarem as respostas a

"S' e S" — Redação de "O Politécnico"
Grémio Politécnico

Rua Afonso Pena, 258 — São Paulo,

podendo também endereçá-las simplesmente a "S' e S".
— Redação de "O Politécnico" e colocá-las na caixa do Grémio. Recebidas as respostas pela Redação, as melhores serão editadas.

Por razões óbvias, as perguntas, assim como as respostas, deverão ser concisas, de modo a ocuparem pouco espaço.

No caso de não chegar à Redação resposta alguma dentro de 15 dias após a publicação da pergunta pelo jornal, a própria Redação incumbir-se-á de conseguir uma resposta, a qual poderá mesmo ser fornecida por pessoa de destaque, por um Professor da Escola, por exemplo, que aceda ao pedido do jornal.

As perguntas, assim como as respostas, serão editadas com as assinaturas dos remetentes, podendo porém as perguntas serem anônimas, desde que à Redação seja isso solicitado.

Questões propostas

Serão publicadas nesta coluna periodicamente, sofismas, problemas e questões de matemática propostas aos leitores.

Os que conseguirem explicá-los e resolvê-los deverão enviar suas respostas antes da publicação do próximo número deste jornal, quando serão dadas as soluções e nomes dos que acertaram.

Toda a correspondência (soluções, opiniões, críticas, etc.), deverá ser endereçada a: "O POLITECNICO", Seção S & S. Rua Afonso Pena, 258.

"A área de um triângulo equilátero é nula".

Dado o triângulo equilátero ABC, vamos transformá-lo num quadrado equivalente.

Para tanto tracemos a altura AD e construamos o retângulo ADCE, que será equivalente ao triângulo dado ABC. Prolonguemos, em seguida, AD de um segmento DF, igual a CD, e sobre AF como diâmetro tracemos uma semi-circunferência, a qual encontrará num ponto G o prolongamento de CD.

Em virtude da propriedade de uma ordenada ser meio proporcional entre os segmentos do diâmetro, teremos: GD=AD. DF, ou sendo DF=CD, por construção, GD=AD. CD. Isto significa que o quadrado construído sobre GD, i. é o quadrado GDJH, equivalente à soma de dois quaisquer desses três trapézios; será, equivalente ao triângulo dado ABC.

Imaginando, agora, que o triângulo CEA venha escorregar ao longo de AC, até que A coincida com L, E com H e C com K, é fácil reconhecer que o quadrado GHJD, se compõe de dois trapézios DJME.

Por conseguinte podemos dizer que o quadrado GHJD é equivalente à soma de dois quaisquer desses três trapézios; será portanto, equivalente ao trapézio CLMB, que se compõe de dois desses trapézios.

Mas, visto que o quadrado GHJD também é equivalente, como vimos acima, ao triângulo ABC, segue-se que a área do triângulo equilátero ALM é nula. c. q. d.

técnica, — para vinte juristas contam-se dois ou três engenheiros à testa das grandes estradas, para só ficar entre os ferroviários, — enquanto que, na França — onde predomina no engenheiro a cultura geral — para toda a indústria inverte-se praticamente a porcentagem.

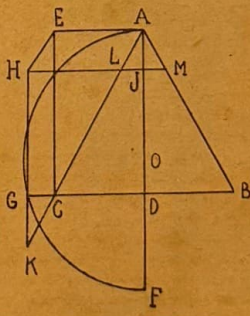
É a França sempre se manifestou pela conservação do seu tipo de engenheiro. A Itália seguiu-lhe os passos. Os Estados Unidos, numa reação crescente, vêm dando, na maioria das Escolas, grande e extensa formação científica geral.

Ao argumento de que o recém-graduado assim não possui ainda a técnica das ciências industriais, já se respondeu, que esta só pode ser atingida na própria indústria. Rapidamente ele se lhe adapta, domina-a, vê e sente suas falhas e promove-lhe o aperfeiçoamento, condenando sistemas rotineiros de exploração, removendo processos obsoletos, mantidos à custa de proteções alfandegárias, uns e outros contrários à economia nacional. Enfim, dirige-os de fato."

"Crescem nas nossas necessidades. A distribuição e a produção da riqueza de descentem. Complicam-se os mercados. As indústrias multiplicam-se. É preciso formar Engenheiros. Muitos e bons.

Chegamos, assim, ao Engenheiro, com E grande.

Seu campo de ação será o Brasil, rico



da energia dos seus rios e de seu sub-solo; de matérias primas, minerais e vegetais; jazidas para a indústria pesada, potencial hidráulico para a força motriz.

Tudo é grande nesta abençoada terra. Enquanto o "por que me ufano do meu país" era decantado por nós, tudo ia bem. A sua descoberta pelo alienígena começa-nos, todavia, a inquietar. A inteligência e os braços estrangeiros foram sempre generosamente recebidos. Sua colaboração é amplamente agradecida e recompensada. A intromissão, porém: — nunca!

É necessário, agora, que se erga valor mais alto.

Na simplicidade da sua vida, na coragem pela luta contra a natureza, no amor à sua família e às tradições cristãs, o nosso homem é, antes, de mais nada, um forte.

Não basta glorificar-lhe as forças, nem delas ufanar-se!

A Engenharia Aeronautica do Brasil

A Engenharia Aeronautica constitui um dos mais novos ramos da técnica moderna. Iremos entrar por assim dizer, na era do ar, dada a revolução que virá após guerra nos meios de transportes. Não é necessário ser um profeta, e nem uma vidente, para prever este fato de tanta evidência, e nem tampouco escrevi este artigo, para dizer isto.

O ponto que friso, é o fato de não se ter criado ainda no Brasil, o curso de Engenharia Aeronautica. Já não é de hoje que se vem batendo sobre este ponto, porém até agora nada se fez, no sentido de podermos ter um curso desta natureza, que se faz tão necessário no momento, dada a criação em nosso país de atuais e futuras indústrias aeronauticas, com seus respectivos motores. Muitos são os alunos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo que desejariam fazer tal curso, e entre eles, se interrogam, o porque de não existir ainda tal curso na Escola Politécnica de São Paulo. Será por falta de professores, perguntam-se numa tentativa de sugerir-se a si próprio. Naturalmente que não, pois já podemos contar com professores nossos, e os que, porventura, viessem a faltar, seriam recrutados ao estrangeiro, a exemplo do que fizeram muitas escolas superiores de São Paulo. Não iria agora aparecer um surto de nacionalismo erroneo, que se bateria contra a importação de tão necessários mestres. Não ha dúvida que com o tempo, estes poderiam ser substituídos por brasileiros capazes. Continuando as suas interrogações, como não conseguiram se convencer de que não é pela falta de professores, lançaram-se a outro ponto de apoio, que porém também é instável — a verba necessária para o funcionamento eficiente desse curso.

Porém tomando de um lapso, e fazendo os calculos, verifica-se que a verba é perfeitamente compatível com a verba destinada a uma universidade, e que além disto, o lucro que a nossa indústria tiraria daí, compensaria enormemente o gasto desta verba. Cuidos assim os dois únicos argumentos que, poderiam servir de base a não criação de tal curso, a pergunta do porque desta não criação ainda continua no ar, sufocando as vontades criadoras de uma pleiade de jovens; obrigando as nossas indústrias aeronauticas a adaptação de um número de engenheiros abnegados, que após tantos anos de estudo, continuam a estudar mais ainda, para poderem tomar parte na construção da nossa aeronautica. Porém, quanto não lucraria o nosso país, com o aproveitamento de tais esforços dispersos, criando na Escola Politécnica de São Paulo, o curso de Engenharia Aeronautica, o que viria ao encontro dos desejos de um grande número de politécnicos e das indústrias de aviação do Brasil.

As autoridades competentes é que lançamos tal apelo, para que se interessem pelo caso, criando o mais breve possível, o curso de engenheiro Aeronautico, para que o Brasil possa se enquadrar ao lado das grandes potências do mundo, calculando seus protótipos, projetando seus motores, e fabricando seus aviões.

Walter Euguénio de Oliveira
(Diretor do Departamento de Voo a Motor do C. P. P.)

— Urge cultural-as, reuni-las e dar-lhes uma direção e um sentido comum. A ele é preciso dar o valor que tem. Coloca-lo na posição que merece.

Forme-se e se edique no Engenheiro nosso, o homem.

E se edique e se forme para construir, defender e amar o Brasil."

20 de Maio de 1944

AMIGO!

Mestres, colegas e simpatizantes, venham colaborar conosco. Um estímulo, uma opinião, um aparte, tudo enfim que seja edificante, receberemos prazentemente e lhes seremos infinitamente gratos.

S O C I A I S

A marcha da ciência

O. MONTESANTI
(Especial para o "POLITECNICO")

Como o nascer da urze em rocha íngreme
Talvez por entre pedras floresceu
A ciência no interior de uma caverna
E dentro da caverna ela cresceu.

Causa e efeito, relação imperativa
Que em todo o sucedâneo se notou
E, então, a inteligência sedativa
De novo causa e efeito provocou.

O céu, com seu misterio tão profundo
Estranhas religiões logo criou
Porem, já Galileu novo critério
Da forma do Universo apresentou.

Na febre da riqueza, os alquimistas
Recôndito o ouro procuraram.
Talvez bem pouco ou nada suspeitando
Que talvez de um tesouro maior ainda acharam

Com todos os alicerces colossais
A ciência ainda marcha para a frente
Com alvo de fulgor, marcha extensiva
A ventura e ao bem de toda a gente.

E os nomes tão gloriosos desses gênios,
Que o templo da ciência edificaram,
Por toda a humanidade são lembrados
Como ídolos de tudo o que criaram

ANIVERSARIOS

Fizeram anos os colegas:

Dia 26 — Alcides S. Mathias
Dia 27 — Yosif Elmec
Dia 29 — Diogenes V. Negrão
Dia 20 — Luiz Porto Alves

VISITANTES

A Escola Politécnica recebeu a grata
visita dos estudantes Uruguaios, quando
por esta Capital passaram em viagens
de estudos.

NASCIMENTO

Achou-se em festa o lar do nosso cole-
ga Paulo Ferrão e de d. Lourdes Fer-
rão, com o nascimento de um menino,
que recebeu o nome de Luiz Paulo.

Ao sr. Ferrão, mui digno e preclaro
Diretor da Revista Politécnica, e d.
Lourdes, os parabens do "O Politécnico".

SEMANA DA ASA

Com a finalidade de tomar parte nas
comemorações da Semana da Asa, esti-
veram no Rio de Janeiro os colegas
Walter Engracia de Oliveira, Lincol
Orsini e João F. Molina.

FORMATURA DO C. P. O. R.

Realizou-se a 24 de Setembro, na
praça de esportes do Pacaembú, a ceri-
mônia de formatura da nova turma de
aspirantes ao oficialato da reserva, da
qual fazem parte vários colegas da Po-
litécnica.

Aos novos aspirantes os parabens de
"O Politécnico".

AGRADECIMENTO

Ao Grêmio Politécnico, a prestigiosa
associação dos alunos da Escola Poli-
técnica, o nosso sincero muito obrigado,
pela sala gentilmente cedida à Redação
de "O Politécnico".

Aos Universitários

(Continuação da 8.ª pag.)

São do cientista Luiz Cintra do Prado as palavras: — "É dum
renascimento idealista que depende um feliz porvir para a huma-
nidade. Precisáramos alargar indefinidamente os nossos hori-
zontes, reconhecer o homem como de uma origem divina e destino
mortal. De bem alto há de vir a luz capaz de convencer-nos de
que este mundo não é de ninguém em particular; de bem alto ha-
vemos de receber inspiração e força para cuidar dos outros com um
amor semelhante ao que temos por nós mesmos".

A esse movimento estudantino, a que podeis aderir, deveis estar
devidamente preparados a fim-de, sem succumbir, receber investidas
das ondas contrárias. O jovem desanimado ou pessimista deve ser
posto à margem para que não sirva de impedimento, nem de motivo de
discórdia, àqueles que percorram o caminho que eles não podem per-
correr.

Devemos olhar alto e longe. O nosso ideal jamais se apagará;
passaremos sempre para outras mãos por nós preparadas.

O Esporte fator de elevação

(Continuação da 5.ª pag.)

ciplina, à dignidade, à coragem,
ao altruísmo, com perseverança,
pois esta é a mola que impulsiona
o homem aos grandes atos de sua
vida.

Grande escola de civismo é o
esporte amador, pois que prati-
cando-o, e defendendo a bandeira
de sua associação, que é uma
grande família, que é uma pe-
quena pátria, sem visar um fim
utilitário, sem vender os seus es-
forços, sem lutar pela bandeira
e sob a bandeira que mais lucros
lhe dá, o esportista aprende a

defender a bandeira de sua pátria
por amor à sua terra.

O homem praticando esporte,
perde grande parte de seu egoís-
mo, aprende que é necessário o
apólo de seus companheiros para
conseguir uma vitória, aprende a
compreendê-los e apoiá-los, per-
cebe a necessidade da cooperação,
extendendo depois esses comen-
tamentos aos que com ele convivem,
mesmo fora da órbita esportiva.

E é o que está faltando no mun-
do atual: compreensão mútua e
cooperação.

Alem da nossa Politecnica

Cronicas

"RUMO AO FUTURO..."

FACULDADE DE MEDICINA DA U. S. P.

ELEIÇÕES DO CENTRO ACADEMICO "OSVALDO CRUZ"

Em 3 de Outubro realizaram-se as eleições do "C.A.O.C."

A Diretoria eleita é a seguinte:—

Presidente	Jão Beilne Burza
Vice-Presidente	Irineu Teixeira de Assumpção
1.º Secretário	Duilio Chrispim Farina
2.º Secretário	Oscar Luiz Cotrim
1.º Tesoureiro	José S. Melrelles Filho
2.º Tesoureiro	Irajá Lopes Ribeiro
1.º Orador	Carlos da Costa Branco
2.º Orador	Alvaro da Cunha Bastos
Diretor de Esportes	Ubirajara Barreto Dellape

Departamento Científico

BAILE DE GALA

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", fez realizar no dia 21 do
corrente, nos salões do Esplanada Hotel, o seu tradicional baile de
gala em prol dos seus departamentos beneficentes.

FACULDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DA U.S.P.

ELEIÇÕES DO "CENTRO ACADEMICO XXV DE JANEIRO"

As 13 de Outubro, para dirigir no correr do ano vindouro, o
C. A. "XXV de Janeiro", foi eleita, em renhida disputa, a seguinte
diretoria:

Presidente	Otávio de Moraes Dantas
Secretário Geral	João Sampaio Góes Jr.
Secretário	Emílio Salum
Presidente	Duilio Baldassarri
Vice-Presidente	Fábio da Silva Nascimento
1.º Secretário	Alberto Belardi
2.º Secretário	Yassuto Itimosi
1.º Tesoureiro	Sydnei Alvares
2.º Tesoureiro	João-Baptista Scallisi
Diretor Esportivo	Antonio G. Gulla
Vice-Diretor Esportivo	Nilo dos Reis
Diretor de Imp. e Prod.	Chaim B. Bandkldajer
Departamento Feminino	Maria Virginia Decanio
Departamento Social	Arão Rumel
1.º Orador	Mario D. Perez
2.º Orador	Isaac Chamis
	Hécio Benfatti
	Olavo Avalone
	Margarida Vaz
	Manotti P. Filho
	Newton A. Alvim

COMISSÃO FISCAL:

A posse da nova diretoria dar-se-á no dia 8 de novembro próxi-
mo, havendo à noite um baile em homenagem aos novos dirigentes
dessa entidade acadêmica.

FACULDADE DE FILOSOFIA DA U.S.P.

Realizou-se no dia 10 outubro, no auditório da Escola "Caetano
de Campos", a solenidade da posse da nova diretoria do Grêmio da
Faculdade de Filosofia. A esse ato compareceu o representante do
Reitor da Universidade, professor, presidentes dos Centros Acadêmi-
cos e grande assistência.

A nova diretoria está assim constituída: Paulo Cretela Sobrinho
como presidente, sendo os outros membros, Vicente C. Quaglia, An-
tonio A. Cardia, Araby B. Tavares, Antonio Manuel da Silva Can-
dido, Emanuel Soares V. Garcia, Loth Campos Maia, Aython Bran-
dão, Joly, e Liede Fuser. Conselho Deliberativo: Reini Ruth Levy,
Ercio Vieira, Guilherme Giesbecht, Paulo S. de Toledo, José Moacyr
V. Cutinho, Enelda L. de Oliveira, Floriano Pereira, Esmeralda
Munhoz, Judite de Andrade, Maud R. Sá de Miranda, Nirce Sellan.

FACULDADE DE DIREITO DA U. S. P.

BAILE DA AMÉRICA

Realizou-se à 12 de outubro findo, o tão esperado baile, promo-
vido pelo "CAXIA", que esse ano foi em homenagem ao "Corpo Ex-
pedicionário Brasileiro" ao qual revertere toda a renda.

Como era de se prever, os Salões do Esplanada Hotel reuniram
a alta sociedade paulistana, que sempre está disposta a prestigiar as
iniciativas acadêmicas.

ELEIÇÕES DO "CAXIA"

As Arcadas estão passando grandes momentos de animação, pois
estão chegando os momentos das famosas eleições do "CAXIA".

Apresentaram-se os seguintes candidatos:

Partido Libertador	Ruy Nazareth
Partido Conservador	Aloysio Ferraz Pereira

ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Entraram em luta eleitoral no dia 27 de outubro findo, as chapa
"Lemos Torres" e "Renovadora", do Centro Acadêmico "Pereira
Barretto".

Por falta de notícias e por encontrar-se a nossa edição já na
tipografia não podemos dar aqui o resultado dessas eleições.

TEATRO DO ESTUDANTE

O conhecido escritor e diplomata patricio, sr. Pascoal Carlos
Magno, diretor e fundador do "Teatro do Estudante Brasileiro"
pronunciou no dia 14 de outubro, às 16,30 horas, no auditório da
Gazeta, uma conferência sobre o tema "Teatro do Estudante".

Conhecedor abalizado do assunto, o sr. Carlos Magno, disse que
os atores-estudantes devem mobilizar o melhor de seu entusiasmo
no trabalho de incentivar o Teatro Clássico.

Foi quem pela primeira vez levou à cena, em nossa língua, o
Teatro de Shakespeare com Romeu e Julieta.

Que a semente lançada encontre terreno propício, é o voto
do "O Politécnico".

MOISES VAINER

"Querer é Poder", assim o
adagio.

"Querer é Poder", assim diz o
viva e palpitante a chama do
ideal que nos absorve e anima.

Querer é sonhar; é viver in-
tensamente; é trabalhar; é lutar
e é perseverar na conquista das
mais caras aspirações. É fazer
da própria vida uma sequência
harmoniosa de fatos objetivos e
lógicos que em síntese concreti-
zem nossos mais puros ideais.

Eu te saúdo "POLITECNICO".

Representas o produto de
muito trabalho, de momentos in-
tensos de vida interior, de lutas
e de perseverança assídua de
muitos dentre nossos colegas,
que concientes na força que en-
cebra em "querer é poder", ven-
ceram. Venceram para te apre-
sentar vitorioso neste teu pri-
meiro exemplar.

Sê mais um vínculo de auxílio
muito, de compreensão e frater-
nidade em nosso meio universi-
tário, fonte d'onde jorra com
intensidade todas as nossas aspi-
rações de moços e estudantes.

Sê como a bela árvore, que no
dizer do poeta "nosso espírito
se eleva porque é bom e doce
conversar à sua sombra".

Segue vitorioso teu destino.
Acompanha sempre confiante, no
tempo e no espaço, a trilha
"rumo ao futuro"...

AIDA DE MEDEIROS
PULLIN

30/9/944

INTRODUÇÃO

A Musica Moderna

Colaboração de Bruno Levi

O novo estilo musical de hoje tem
uma fisionomia bem própria; fora de
dávila, não suficientemente, para ser
baseado só em si mesmo.

Como todo movimento creativo, tam-
bém a musica contemporânea tem pro-
fundas raízes no passado.

A fisionomia dos estilos passados é
essencialmente diferente do perfil arti-
stico do nosso tempo; todavia germes
do novo panorama musical se encon-
tram na época musical anterior.

Notamos na musica moderna uma am-
pliação no sentido que as caracterís-
ticas populares não vem excluídas mas
transformam-se numa linguagem sonó-
ra válida para todos os países.

A união e a conciliação dos povos é
talvez o traço marcante e culturalmente
mais importante da musica contem-
porânea.

Assim na Russia, permanecendo
sempre um cunho nacional, notamos to-
davia uma libertação da escola forte-
mente nacionalista do grupo dos 5, para
uma concepção mais universal da
musica.

Este contraste pode ser verificado na
passagem de Borodin, que já apresenta
porém alguns caracteres desta nova
concepção musical, para Scriabin e
Prokofieff.

A vontade essencial do musicista de
hoje é portanto criar uma linguagem
que seja humana, que se estenda à
humanidade, mas na qual as caracterís-
ticas de seu povo, sejam, ao mesmo
tempo bem impressas.

A nova musica uma então nação e
humanidade.

O estilo exprime sempre o ritmo
vital de uma época.

O novo estilo é portanto a expressão
imediatamente do ritmo vital de hoje.

O ritmo vital mudou, modelando um
novo tipo e homem. O equilíbrio grego
clássico e a aspiração gótico-romântica
não tem mais valor.

O ritmo de hoje é assimétrico e di-
nâmico; representa a inquietação, o
movimento variado, o mecanismo do
nosso tempo.

«Formação do Engenheiro» Aos Universitários Americanos

ADOLFO LEMES GILLOLI

TRECHOS da Conferência pronunciada, em 22 de Maio do corrente, pelo PROF. MONTEIRO CAMARGO na Sociedade Mineira de Engenheiros, por ocasião do 33.º aniversário da fundação da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais.

“De início, QUE É UM ENGENHEIRO? Para nós, — e aqui já temos que optar, — dentre as múltiplas definições oferecidas, pela que mais de perto satisfaz às nossas convicções.

O Engenheiro, produto da civilização industrial contemporânea, nesta era da ciência aplicada, tem por missão máxima aproveitar as forças da natureza em benefício da humanidade.

As “condições necessárias” à realização da tal finalidade multiplicam-se, exigindo um conhecimento de quase todas as manifestações da vida. “Condições suficientes” ainda não foram enunciadas. E duvidamos que o sejam.

Estamos longe de uma definição precisa, de uma delimitação exata de seu campo. E, à medida que se medita sobre seu alcance, vemos que invade desde o campo técnico, propriamente dito, o econômico, o político, até o social.

E a essa multiplicidade junta-se a transformação vertiginosa por que passa a ciência, no progresso assustador da civilização.

Sem penetrarmos nessa análise, desfaçamos, antes de mais nada, a confusão, existente para muitos, entre *técnico* e *engenheiro*. E desde já observemos que um engenheiro, na sua profissão, desempenha, muitas vezes, função de técnico. Mas, este, entretanto, nas suas tarefas especializadas, não é, nem pode aspirar a ser um engenheiro.

Para o exercício da função deste, é imprescindível ampla e sólida cultura geral, e científica, além de uma técnica cuidadosamente adquirida e educada. *A ciência junta-se a arte.*

Esse perfil vem-se desenhando desde as mais remotas civilizações.”

Depois de estudar Arquimedes, Leonardo da Vinci e Mouge, continua:

“Assim foi no passado. Característico comum dos precursores: *homens* em primeiro lugar, *pensadores* em seguida, e depois, *engenheiros* de ação.

Assim deve ser o engenheiro moderno.

Antes de mais nada: cultura humanística, para que se forme o homem de pensamento; e, então, e só então, poderá vir a ação.

CULTURA HUMANÍSTICA

A formação humanística, como problema da relação do indivíduo para com o seu ambiente, como síntese entre o homem interior e o homem exterior, efforto o microcosmo e o macrocosmo, arraigou-se, desde a Renascença para cá, como reação às “trévas” da idade média.

Orá, as ideias de harmonia e clareza da civilização greco-romana, qualidades mais de forma que de essência, deixaram traços perenes na literatura ao nosso alcance.

O pensador da idade média delas se apartou. Já nos alhores, porém, da Renascença, com a antevisão que Roger Bacon teve de uma ciência experimental, a que Galileu deu corpo, forma e vida, tudo se transformou.

A época moderna deu concepção nova ao homem, iluminado, de uma parte, pela Ciência, ampliado, de outro, pela civilização atual.

Si, de um lado o equilíbrio, que domina nas letras antigas, e o equilíbrio racional, iniciado na Grécia, formam um binário indispensável ao pensar moderno, de outro, a pesquisa científica anima o ideal da verdade, vivifica o sentimento do Belo e proporciona vasto campo para o exercício da Vontade, apanágio moral indispensável ao Espírito.

As influências das ciências, dos métodos cartesianos e experimentais e da nossa civilização, que poderíamos qualificar de industrial, são decisivas. Vassar o homem moderno nos moldes antigos é ideia superada.

Desde a língua, expressão direta da personalidade humana, até a própria vida, tudo sofreu transformações radicais.

O sentido máximo de uma formação humanística-clássica é o de conservar uma tradição cultural, dentro de uma evolução normal, de permitir, numa síntese, abraçar a experiência humana e o desenvolvimento do pensamento, da antiguidade a nossos dias, para melhor conhecermos o Homem, constante na sua alma, e o Mundo, na sua evolução.

As conquistas do pensar moderno, pelos métodos das ciências exatas e experimentais, completaram a formação almejada pelo humanismo moderno.”

Examina em seus detalhes a próxima reforma e prossiga:

“O APARELHAMENTO

Não basta porém. Problema sério, e que deve ser encarado corajosamente, é o do aparelhamento das nossas Faculdades. Oficiais ou particulares assumem com a modicidade compromisso, quando abrem suas portas à matrícula.

Necessitam de bibliotecas e laboratórios.

O ensino objetivo requer selecionado e complexo aparelhamento de demonstração.

a) Os laboratórios didáticos — essenciais e indispensáveis — beneficiam a transmissão da ciência. Os alunos tomam aí contacto com o fenómeno. E têm ainda a oportunidade de se selecionarem naturalmente: uns “que têm jeito” e outros “que não o têm” para essa técnica especializada. E isso lhes permite uma orientação.

b) Os laboratórios semi-industriais, junto aos departamentos especializados são o campo para a pesquisa da ciência aplicada além de básicos na formação profissional. Sem ensaios de rotina, inúteis ao ensino, verdadeiramente assfixiantes de “vacações”, permitem a mestres e assistentes dar maior emprego ao cabedal de conhecimento armazenado, ampliando suas funções, formando “escola” em torno de suas cátedras.

O próprio aluno, chamado a colaborar, satisfará a “sedução quasi romântica”, que sentimos todos, nos vinte anos, “pela técnica”, e terá o amparo seguro de um guia firme, — sem azarres da “prática”, que em paralelo aos cursos, se preconiza, fora das Escolas, quasi sempre desorientada e destituída de espírito formativo.

Aos industriais — cabe aqui o apelo, para que contribuam com o aparelhamento para essas instalações. Benefícios advirão em troca: particulares, dos estudos que solicitarem; coletivos, esses, dispensamo-nos de sublinhá-los.

Eis a máquina. Para animá-la, — o Espírito.

Aos mestres têm faltado amparo à

(Continúa na 6.ª pág.)

Companheiros de labuta estudantina, em nossos dias atravésamos um período de renovação de valores sociais.

É dádiva divina sermos jovens em momentos como estes, que serão inováveis na história. As grandes conflagrações oferecem múltiplas oportunidades às gerações não contaminadas, pois iniciam na humanidade uma agitação intensa, fazendo vir à tona jovens capazes de enfrentar o comodismo estéril, os prazeres enervantes dos salões luxuosos; numa palavra, a rotina e resistência social.

É chegado, portanto, o momento em que o homem culto é chamado pelas multidões para lhe dar o direito de as dirigir. Por isso, hoje mais do que nunca, deve o universitário preparar-se, educar-se, aprimorar-se para bem merecer o posto de individualidades condutoras.

No mundo não há raças superiores, há, entretanto, povos cuja mocidade é constituída de jovens cultos, como deve ser a nossa, tendo à sua disposição a multidão de Faculdades para o levantamento cultural, laboratórios para perquisas, hospitais para estudos, campos experimentais, fábricas para especializações e Mestres de Filosofia e Direito, proporcionando, então, um feliz equilíbrio social decorrente do nível cultural e moral

O valor de um país grande ou pequeno é função direta não da quantidade de seus filhos, mas sim do seu valor qualitativo. Ninguém ignora os países como a Suíça, a Inglaterra e a Holanda, que, apesar de pequeníssimos territorialmente, assombram o mundo com a magnificência de seus homens que se impuseram por suas realizações. São descobridores, sábios, industriais, e seus operários, homens bem dirigidos, por isso, de alto valor eficiente.

Se o meu querido Brasil ou o vosso país, qualquer que seja a grandeza territorial e com a riqueza que a natureza lhe proporciona, tiver grandes filhos saídos de Universidades dirigidas sob princípios de liberdade e duma só moral, ele será uma grande pátria, cuja contribuição para o bem de todos os povos será inapreciável.

É com bastante razão que chamo a vossa atenção mais uma vez para os princípios pregados nas universidades, pois a evolução pacífica, a grandeza moral ou o progresso material duma, dependem grandemente da capacidade e integridade de nossos mestres, categráticos das casas onde a tempera do caráter jovem recebe das fornalhas os últimos aprestos. Quanto mais maleável, mais virgem a massa, mais fácil será o amoldar; isto é motivo bastante para merecer nossa atenção, também os professores secundários e normais. Estes influem significativamente no espírito ingênuo e desprevendo da criança que lhe é entregue; assim, o bom ou mau indivíduo que daí brotar dependerá quase que exclusivamente da habilidade e das normas de conduta do Mestre.

Colega Universitário, como primeiro passo rumo ao aperfeiçoamento do mundo, concorramos para a elevação do nível cultural e moral de nossos povos!

Precisamos cultivar na geração jovem presente uma vontade mais digna, um interesse maior pelas grandes e construtivas iniciativas, procurando libertá-la das paixões que não sejam nobres, do espírito materialista, ou desanimado, e do sentimento interesseiro.

Devemos intensificar esta campanha de renovação social, não exclusivamente com pomposos palavreados ou escritos, mas sim com o exemplo, com a ação. O mundo em que vivemos precisa de muitos jovens, espírito novo, sentimento são, vontade criadora, intelecto puro, seres de alma voltada sempre para o alto, para a Justiça, para a Verdade.

(Continúa na 7.ª pág.)

Aos Expedicionários

Com o sacrifício de Tiradentes, em 1792, surgiu em Vila Rica uma nova mentalidade no povo da colônia — surgiu o espírito característico do brasileiro — **Lutar pela Liberdade**. Essa tão almejada liberdade cobrou caro o seu resgate. Muitos foram os brasileiros que tombaram em campos de luta, muitos foram os que pagaram com o seu sangue, para conseguir a independência da maior e mais rica nação sul-americana.

Várias foram as oportunidades oferecidas pela história para acrisolar e forjar a tempera desse povo que surgiu, que brotou da luta pela liberdade.

O Farol caracteriza-se por ter no seu ápice uma fonte de luz, lutar contra as trevas, borrascas, intempéries e vitorioso apontar aos incautos navegantes os recifes e abismos; a nação brasileira é semelhante a essa torre sustentáculo da verdade; cada brasileiro significa uma pedra desse conjunto sólido, baluarte da justiça, defensor dos fracos.

Hoje, quando são passados 150 anos, descendentes daqueles idealistas de Vila Rica aban-

donam o conforto dos seus lares, o amor dos seus filhos, pais, parentes e amigos, abandonam as universidades, fábricas, escritórios e tribunais, para irem lutar — desta vez porém pela independência, pelo domínio da justiça, pela liberdade de toda a humanidade.

Soldados do Brasil! — O coração da Pátria, a prece do vosso povo, acompanha todos os vossos passos, nas marchas, nos combates, nos descansos e nas vitórias.

Sois alvos das atenções mais sinceras e simpáticas dos 45 milhões de almas componentes da família brasileira. Sentimo-nos orgulhosos e mesmo convencidos dos louros por vós duramente colhidos nos campos de peleja. Confiamos no vosso valor combativo, no vosso valor de soldado não automático mas sim soldado democrata, soldado humano.

Trocastes somente de armas, pois sempre fostes um batalhador. A tribuna, a caneta, o arado — essas armas que aqui deixastes não cessaram, dia e noite se movimentam, garantindo o vosso belo e merecido futuro e o futuro das nações por vós libertadas. Vossos irmãos

brasileiros do norte, centro e sul, que aqui deixastes, agora mais unidos do que nunca, travam a maior e mais intensa das batalhas de retaguarda — produzir o melhor e mais possível — em reconhecimento ao altruísmo daqueles que foram para terras estranhas levar o amor, a justiça, a liberdade.

Agora que vossas colunas, no fragor da refrega, começam a tomar a estrada rumo a Berlim, nossos corações parece que param, numa ânsia de mais de perto vos acompanhar.

Graças a Deus o fim está menos distante do que quando daqui partistes; mais perto, portanto, está o dia em que vitoriosos, desfilarão novamente pelas nossas avenidas ao som da Marcha do Soldado, sendo, alvo das mais entusiásticas e sinceras aclamações que uma coluna pôde receber. Nesse dia, nenhum brasileiro, velho ou criança, forte ou enfermo, deixará de ir receber-vos; todas as nossas flores serão poucas para homenagear-vos; muitas lágrimas de emoção, amor e entusiasmo por vós, serão derramadas nesse glorioso dia.

Adolfo Lemes Gilloli.